

1998

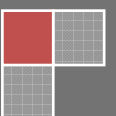
O Pastor Urbano

Linhas Cruzadas, ano 2, nº 5, pp 52-55

Miguel Vale de Almeida

MIGUELVALEDEALMEIDA.NET

2007



O Pastor Urbano

Por alturas do segundo ano no meu novo emprego, eu já sabia adivinhar a chegada do metro à estação do Martim Moniz. O chão tremia de uma forma muito especial, que o meu corpo se habituara a sentir. Não se diz que os cães pressentem os tremores de terra alguns minutos antes de acontecerem? Pois bem, eu tinha desenvolvido uma capacidade semelhante. Tinha aprendido a distinguir o subtil estremecimento do comboio por debaixo dos meus pés, no meio da confusão dos transeuntes na rua.

Essa capacidade valeu-me um aumento de salário. Tornava o meu trabalho mais eficaz, o que tinha por efeito diminuir os protestos dos utentes do metro, irritados com os obstáculos à saída das estações. A previsão da chegada de mais uma composição nas entranhas da praça, dava-me tempo para todo o procedimento: guardar no bolso o computador, interrompendo a leitura (nos últimos tempos dedicava-me à hermenêutica, sobre a qual pretendia escrever *o* ensaio definitivo), pegar no cajado, aproximar-me das vacas, convencê-las a afastarem-se da boca das escadas do metro, não sem evitar que, em virtude desta deslocação, se lançassem sobre a passadeira de peões.

Infelizmente, as coisas boas - ou menos más - não duram para sempre. No dia em que perdi o emprego, tudo parecia estar a correr bem. Uma avaria no metro tinha tido como feliz consequência permitir-me a leitura de um capítulo inteiro, com notas e tudo - incluindo o tudo os apontamentos para um capítulo do ensaio. As vacas estavam tranquilas, talvez devido à fome, uma vez que as ervas não cresciam abundantemente por ali, mesmo com a proibição do uso de herbicidas. A proibição de utilização de venenos que afectassem os animais estava, aliás, na origem das muitas avarias do metro. Este tinha que parar vezes sem conta para evitar o atropelamento de ratazanas, as quais, como é lógico, não paravam de reproduzir.

Dizia-se nesses tempos que tudo acabaria por reencontrar o seu equilíbrio. Quando perdi o emprego na universidade e consegui - graças a uma cunha na Câmara - o trabalho de pastor urbano, quis acreditar com toda a força nessa máxima. Dois anos depois já só me preocupava em garantir o emprego, para evitar pior destino, e em aproveitar os tempos livres para escrever a minha obra mestra. Talvez um dia a faculdade reabrisse e os primeiros a ocuparem os lugares fossem os que tivessem aproveitado bem o tempo. Mas até isto já me parecia mera obstinação -

uma qualidade aprendida com as vacas? A “situação”, como toda a gente lhe chamava, só parecia piorar.

No princípio tudo correu bem. Havia no ar uma clima de novidade e as pessoas procuravam reorganizar a sua vida, como se lhes tivesse sido dado um trabalho de casa complicado mas imaginativo. Ninguém tinha o direito de se queixar, pois o “sim” tinha ganho o referendo com 90% dos votos. Esmagador. Anos depois ainda se viam os cartazes nos *outdoors*: “A vida é sagrada. Vote sim pelos direitos dos animais”. Tinham ficado não por desleixo mas porque os *outdoors* já não se usavam. E estes já não se usavam porque já não existia papel. E já não existia papel porque o derrube duma árvore podia muito bem resultar num ninho derrubado. O referendo tinha sido o começo de uma nova vida, pondo fim ao comércio e consumo de carne e instituindo a obrigatoriedade do vegetarianismo.

Verdade seja dita que durante muito tempo conseguiu-se sobreviver com uma dieta vegetariana. Não fez mal a ninguém. O problema principal foi a proliferação de bicharada, a sua fuga do campo para as cidades. Daí empregos como o meu, dos poucos disponíveis com o aumento do desemprego: imagine-se a cadeia que ligava o criador de gado aos talhos, ao comércio, à indústria de transformação, aos restaurantes, ao vestuário e calçado e por aí fora! Mas a coisa ainda se aguentava - desde que as carcaças dos bichos mortos por velhice fossem recolhidas a tempo das ruas das cidades.

O pior veio depois, quando os pró-vida não acharam bastante a lei do vegetarianismo. Seguiu-se-lhe a lei contra o uso de produtos animais no vestuário; depois a lei contra o uso de produtos animais nos medicamentos; por fim a extensão do direito à vida ao reino vegetal. A economia entrou em colapso. O número de doentes aumentou. As empresas que controlavam a produção de vegetais biónicos - os únicos que ficaram fora da tabela de produtos proibidos - engordavam os seus lucros. Toda a gente lutava por um emprego, e os salários eram inteiramente gastos na compra de esmifradas alfaces biónicas. Nunca nós alfacinhas tivemos epíteto mais adequado.

A cidade era uma floresta não de cimento mas de mato, gado, parasitas e gente definhada. Só funcionavam os serviços e só se comercializavam os produtos que estivessem fora da cadeia alimentar: os transportes, a televisão, a informática.... Éramos finalmente virtuais e cibernéticos; virtuosos mas nada frenéticos: escanzelados. Havia mesmo quem dissesse que éramos infelizes. Eu pastoreava vacas, lendo hermenêutica no meu *palmtop* e sonhando com um tempo que não viria nunca.

Ou viria? A verdade é que, nesse dia, estranhei o aumento dos atrasos no metro. Desliguei mesmo o computador e pus-me a prestar

atenção. contei o tempo: o intervalo entre duas composições atingiu uma hora, um tempo recorde. Quando por fim senti aproximar-se um comboio, afastei as vacas e assobiei para o homem do lixo que se havia esquecido de limpar os montículos de estrume do meu lado da rua. Vi assomarem à superfície as primeiras pessoas. E vi-as com um ar diferente do costume, aquele ar enxovalhado que resulta da roupa de plástico reciclado sobre a pele alaranjada pelos vegetais biônicos e os cabelos eriçados pelos parasitas. Elas tinham uma expressão que eu não via há muito: a expressão da revolta.

Eram muitos e tinham estado fechados no metro demasiado tempo. Um grupo de velhos - os que normalmente mais se queixavam da "situação" - resmungava mais alto que o costume. Vários outros reuniram-se à sua volta, concordando com as queixas. O tom das vozes subiu. Pararam à boca das escadas do metro, as queixas de um encontraram eco nas queixas de outro e em pouco tempo as vozes estavam alteradas e o cheiro a motim pairava no ar. Os transeuntes começaram a parar para verem o que se passava. Alguns jovens olhavam desconfiados e um par deles, ao passar perto de mim, protestava contra os velhos: "Os velhos estão mesmo atiçados, até parece que andaram a comer carne!"

Enquanto eu mantinha as vacas à distância, cresceram os protestos da pequena multidão. Um velho mais entusiasmado começou a gritar com fervor: "Eu já vos mostro como é que isto se resolve! Eu já vos mostro como é que isto se resolve!" O grupo começou a agitar-se. O velho contestatário começou a abrir um círculo à sua volta. Parecia procurar qualquer coisa. Encontrou-a: as minhas vacas. Mas o círculo de gente alargava-se também por outra razão: é que o ancião procurava as minhas vacas empunhando um canivete, um ridículo canivete de criança.

Não tive tempo de fazer grande coisa ou pedir ajuda. O velho avançou determinado, pelo menos tanto quanto a sua figura engelhada lhe permitia. E vinha acompanhado de acólitos entusiastas. Num ápice aproximou-se de uma das vacas e espetou-lhe o canivete na alcatra. O animal assustou-se e desviou-se, embatendo contra uma colega macilenta. Tropeçando nos pilares de cimento que serviam de protecção ao passeio, esta desequilibrou-se e caiu na via. O velho, aproveitando a confusão, começou a rasgar a carne da vaca atingida pela sua arma branca, mas esta escapava-lhe com teimosia. Os outros velhos, como que unidos por um instinto primordial, agarraram o bicho pelo pescoço, pela cauda e pelas pernas. O canivete pôde assim prosseguir o seu trabalho, lento e penoso, enquanto a vaca mugia como uma sirene de navio. O sangue escorria pelo pavimento. Pessoas desmaiavam, pessoas que não se lembravam quando tinham visto sangue pela última vez.

Não pude fazer nada. A polícia acabou por chegar, mas os agentes não tinham força para combater a mole humana. Alguns velhos não esperaram por chegar a casa para cozinharem às escondidas os bifés que estavam sendo distribuídos: abocanhavam os pedaços de carne ali mesmo. De alguns ouvi mesmo frases sobre os benefícios do sangue e da carne crua, sobre os bons velhos tempos, e sobre a Portugália - o antigo restaurante carnívoro avenida acima. À medida que os reforços policiais iam chegando, a turba crescia. Agora havia pessoas que tiravam as devidas conclusões do que se passava: uns esmagavam com pedras e paus as ratazanas que começavam a sair da boca do metro ao entardecer; outros deleitavam-se em esmagar em público os piolhos que arrancavam das cabeças uns dos outros. A orgia não parava. A revolta apenas havia começado. Foi o começo do fim do meu emprego.

Verdade seja dita que nunca recuperei o lugar na universidade quando esta reabriu. O prestígio que obtivera como pastor urbano levantou desconfianças na hora do concurso para o lugar de professor. Acharam-me vegetarianista demais. Alguns desconfiaram mesmo que tivesse sido um pró--vida fanático nos tempos da “situação”. Adaptei os meus conhecimentos e consegui emprego numa vacaria pertencente a um novo grupo económico de abate e distribuição de carne. Conheço bem o meu gado. Sei avaliar o seu estado de saúde. As vacas confiam em mim. Com bons modos, escolho as mais aptas e conduzo-as sem dramatismos fúteis para a câmara de abate.

Estou quase a completar o meu ensaio sobre hermenêutica, que será publicado numa edição em papel.